

Medicina de Grupo, uma solução vitoriosa

ETHEVALDO SIQUEIRA

Há poucos anos, nasceu no Brasil a Medicina de Grupo. De 1965 para cá, as empresas privadas dedicadas a esse setor cresceram de forma impressionante. Hoje são cerca de 50, apenas em São Paulo, atendendo a mais de dois milhões de associados e beneficiários, prestando serviços de assistência médico-hospitalar (clínica, cirurgia, internamentos hospitalares, assistência de urgência, reabilitação e reeducação), substituindo praticamente o INPS nessa área. Mais ainda: essas empresas são apoiadas pela Previdência Social, porque liberam número crescente de associados do INPS e de outros institutos das filas da assistência médico-hospitalar governamental, reduzindo-lhes os ônus desse setor.

E, melhor do que tudo, a Medicina de Grupo presta bons serviços. A maioria dessas empresas médicas tem-se estruturado sob a forma de sociedades civis sem fins lucrativos, procurando oferecer melhores serviços por custos compatíveis com a realidade econômica do País.

Mas a assistência à saúde brasileira ainda está longe de ser resolvida a nível nacional. Esse ainda é um problema crucial para o Brasil, em decorrência de sua extensão territorial, do baixo poder aquisitivo da população, das insuficiências alimentares, das extremas diversidades do desenvolvimento econômico, do precário nível de educação geral e da conhecida carência de leitos e equipamentos básicos de medicina social no País. A população cresce de forma quase explosiva. As endemias ainda são avaliadas em números que superam a casa dos milhões de habitantes.

Nos grandes centros, contudo, a experiência das empresas privadas de Medicina de Grupo abre uma nova perspectiva para a solução do problema. Não se trata de atender aqueles que podem pagar assistência médica sofisticada, de alto padrão e de luxo, de custos proibitivos para a classe média, mas — pelo contrário — de ampliar os benefícios da Medicina Social, eficiente e rápida, que reintegra ao trabalho milhares de pessoas, que corrige e evita incapacidade, que age no momento oportuno e no modo adequado.

Mesmo assim, essa assistência médico-hospitalar de grupo não é barata. Seus custos médios estão situados acima do dobro das tabelas do INPS e próximo do triplo da tabela da Associação Médica Brasileira. Isso não impede que grandes indústrias e médias empresas contratem os serviços de assistência médico-hospitalar de organizações privadas de Medicina de Grupo. A Ford

do Brasil, a Volkswagen, o Banco do Brasil, a Petrobrás, a Mercedes-Benz, grandes bancos (como o Itaú, o Comércio e Indústria de São Paulo, o Mercantil de S. Paulo, o BNH), a Ericsson, a NEC do Brasil, a Olivetti, a Siemens, a Duratex, a Editora de Guias LTB e centenas de outras empresas de grande e médio porte já utilizam os serviços de Medicina de Grupo de organizações privadas, garantindo a seus empregados a assistência médica-hospitalar básica eficiente, rápida e segura.

Um dirigente industrial acredita que esse investimento é altamente compensador, em termos de produtividade, porque garante não só a tranquilidade ao empregado e seus familiares, como permite também a redução expressiva do absentismo e dos períodos de recuperação e convalescença. "Além de tudo isso, as grandes empresas sentem orgulho em oferecer benefícios dessa ordem aos seus colaboradores. É uma espécie de status para a empresa. E um sobre-salário ao empregado."

Na verdade, em muitos anúncios de empregados procurados, menciona-se com ênfase a assistência médico-hospitalar e até odontológica ao empregado e seus familiares. A Medicina de Grupo prestada por organizações privadas é, em grande parte, fruto dessa evolução de mentalidade do empresário brasileiro, que já ocorre efetivamente, de forma especial em grandes centros como São Paulo, Rio, Porto Alegre, Belo Horizonte Salvador ou Recife.

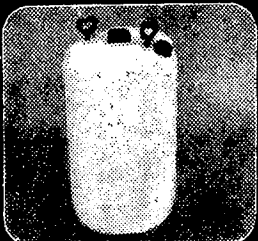
Do ponto de vista prático, o que as empresas procuram evitar, acima de tudo, é que seus empregados percam dias ou semanas em busca de assistência no INPS, que se submetem aos sofrimentos das filas do INPS e dos prazos de atendimento muito longos, que permaneçam internados por tempo indeterminado em enfermarias de baixo padrão, que não sejam efetivamente reabilitados ou curados, que protelem o tratamento de moléstias por limitações econômicas, que permitam o agravamento de doenças que possam agravar-se de forma irreversível e incapacitá-los para o trabalho.

A Medicina de Grupo (também chamada de Medicina Social, Industrial ou Empresarial) é uma atividade nova no Brasil e, por isso, exige cuidados especiais. De um lado, há a fiscalização dos próprios beneficiários e empresas-clientes. De outro, amplia-se a supervisão governamental por sobre os padrões e custos de serviços prestados, exigindo-se o permanente aprimoramento da assistência, ampliando-a tanto quanto possível ao âmbito da Medicina Preventiva.

Interclínicas, Amico, Sancil, Serma, Medial, Health, Clinic, Ciamel, Help, Someg, Compea, Universal, Samal e Semen são alguns exemplos de organizações de Medicina de Grupo que, com pequenas variações, prestam serviços em São Paulo a empresas industriais, bancos, firmas comerciais e de serviços.

A avaliação do trabalho dessas entidades torna-se extremamente valiosa para o País, para que se possam estender a todas as áreas a experiência dos grandes centros em complemento à ação governamental.

A bombona que não deixa seu lucro vazar.



Super Tainer é a única bombona que oferece um vaz-e-ven interminável, gerando economia e maiores lucros. Produzida em polietileno HD reforçado e estabilizado, acondiciona desde o comestível mais delicado até o corrosivo mais agressivo. Super Tainer não vaza e garante segurança absoluta no transporte. Capacidades: 1, 5, 10, 20, 36, 38, 60 e 80 litros. Tradição de 28 anos. Preços sem